

21 de julho de 1947. Macontene e o vátua Maguiguana que fazia nascer pretos da terra

Reuniam-se em Lisboa os únicos quatro oficiais ainda vivos que tinham participado na batalha que pusera fim ao império dos vátuas, em Moçambique. Cinquenta anos antes, comandados por Mouzinho de Albuquerque, tinham terminado com o independentismo de Maguiguana e de Jambul, régulo de Palule, tio do Gungunhana.



02

AFONSO DE MELO
afonso.melo@ionline.pt

“Parecia que da terra nasciam pretos”: a frase é de Mouzinho de Albuquerque, comissário régio. É uma frase bruta, própria de tempos brutos. Mouzinho tinha sido nomeado governador-geral de Moçambique. Ele, o homem que caçara o Gungunhana no dia 28 de dezembro de 1895 e trouxera para o desterro dos Açores o terrível Leão de Gaza. Dois anos mais tarde pôs definitivamente um ponto final no império dos vátuas. Vinte e um de julho de 1897: dia do combate de Macontene. Vinte e um de julho de 1947: os únicos quatro oficiais sobreviventes dessa epopeia reuniam-se em Lisboa para comemorar os 50 anos decorridos sobre a sua façanha.

Chaimite, o local da batalha derradeira contra o Gungunhana, ficou marcado pela vitória. Mas houve dois dos indefetíveis do grande vátua que conseguiram fugir. Um deles era o famoso Maguiguana, fulano incansável que provocava descalços sem parar e ensaiava emboscadas contínuas sobre as tropas portuguesas, como aconteceu em Mojenga, no dia 19 de outubro de 1896, e por um triz não se transformou numa desgraça. As autoridades do território tinham atingido o ponto-limite da paciência. Mouzinho saiu à frente de uma expedição que adentrou a terra dos namar-

rais. Dois combates duros em Macuto-muno pareciam ter terminado de vez com o orgulho dos vátuas. Puro engano. Jambul, tio do Gungunhana, régulo de Palule, e Maguiguana ainda tinham no coração a raiva da revolta. Vários sobas juntaram-se a eles, como foi o caso de Maxamene, e ocuparam a posição estratégica de Macontene. Aí, estavam dispostos a entregar a sua vida por um resto de independência. Gomes da Costa ensaiou um primeiro combate com bons resultados. O comissário régio tinha 52 soldados de cavalaria no seu apoio e concentrara-os com forças do exército e da marinha em Chibuto. Vinte e um de julho era o dia marcado para terminar com a arrogância de Maguiguana e dos seus cinco mil homens. Foi então, ao ver a multidão com a qual teria de combater, que soltou a frase bruta: “Parecia que da terra nasciam pretos!”

Formação em quadrado, com Mouzinho no meio, príncipe da guerra. Foi despejada metralha sem cessar sobre os mangas negras. Eles batiam-se com a valentia de quem defende o que é seu. A carga de cavalaria derradeira deitou por terra o resto da resistência. Maguiguana fugiu. Seria perseguido até ao dia 1 de agosto por uma coluna portuguesa que o caçou perto de Mapulanquene. Ferido, caiu morto aos pés de Mouzinho de Albuquerque, o senhor de África.





03



04

01 Senhores de África.
Um tempo em que os brancos não estavam dispostos a abdicar dos seus privilégios sociais

02 Preparados para o mato.
A teimosia independentista dos vátuas deu a Mouzinho de Albuquerque um poder tremendo no mapa militar da África oriental

03 Mouzinho de Albuquerque: um homem decidido que não virava as costas a uma boa escaramuça. Depois de Gungunhana, seria a vez de Maguiguana

04 Um grupo de oficiais portugueses com o comissário régio no comando

FOTOS DR